

# DE PORTUGAL A MACAU

FILOSOFIA E LITERATURA NO  
DIÁLOGO DAS CULTURAS



Porto  
2017

## **Ficha técnica**

**Título:** De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

### **Organização:**

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

**Editor:** Universidade do Porto. Faculdade de Letras

**Ano de edição:** 2017

**ISBN:** 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## DA RELAÇÃO ORIGINAL FILOSOFIA-POESIA NO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS

Artur Manso

UMinho-IE/CIEd - Braga/Portugal  
Campus de Gualtar - 4710-057 - Braga  
964820491 | amanso@ie.uminho.pt

Resumo: A relação entre a filosofia e a poesia já vem de longe. Melhor dizendo a filosofia afirmou-se em confronto com a poesia e literatura, sem contudo, nunca se separar delas. Contudo, a racionalidade invadiu o pensamento durante milénios, tentando, o século XX repor e aprofundar o dizer poético em que a filosofia se originou. Esta reflexão animou, com alguma originalidade, o pensamento português no século XX, contando entre os seus teóricos maiores, Leonardo Coimbra (1883-1936) Teixeira de Pascoaes (1877-1952) Fernando Pessoa (1888-1935), Amorim de Carvalho (1904-1976), Delfim Santos (1907-1966), entre outros. É deste assunto e desta linhagem que aqui me ocuparei.

Palavras-Chave: Filosofia; Poesia; Literatura; Portugal

Abstract: The relationship between philosophy and poetry comes from afar. In other words, philosophy opposed to poetry and literature, but never got separated from them. However, rationality invaded thought for millennia, with the twentieth century trying to restore and deepen the poetic saying in which philosophy originated. This reflection animated, with some originality, Portuguese thought in the twentieth century, figuring among its greatest theorists Leonardo Coimbra (1883-1936) Teixeira de Pascoaes (1877-1952), Fernando Pessoa (1888-1935), Amorim de Carvalho (1904-1976), Delfim Santos (1907-1966), among others. It is this matter and this lineage that I will deal with.

Keywords: Philosophy; Poetry; Literature; Portugal

A base da pátria é o idioma, porque o idioma é o pensamento em acção, e o homem é um animal pensante, e a acção é a essência da vida. O idioma, por isso mesmo que é uma tradição verdadeiramente viva, a única verdadeiramente viva, concentra em si, indistintiva e naturalmente, um conjunto de tradições, de maneiras de ser e de pensar, uma história e uma lembrança, um passado morto que só vale poder vencer.

Fernando Pessoa

A poesia é, pois, um absoluto de expressão, mas só o é por, e na medida em que o homem se dá conta através dela da ineliminável *distância* que o constitui.

Eduardo Lourenço

### **O século XX e o despertar de uma nova relação Filosofia-Poesia-Literatura**

Retomo aqui a reflexão que iniciei há alguns anos com a preocupação de estabelecer a linha de convergência entre os três saberes – filosofia – poesia – literatura que já se encontraram juntos e que a racionalidade separou, desde o triunfo do legado socrático-platónico, como tão bem mostra Nietzsche nos seus estudos. Este corte, conheceu diversas formas e durou mais de dois milénios, sendo, agora, ocasião de assumir o retorno destes saberes à sua origem. Continuo por isso na senda de uma linha de reflexão na qual se destaca a singularidade do pensamento português contemporâneo nesta tentativa de aproximação<sup>1</sup>.

A relação entre a filosofia, a poesia e a literatura já vem de longe: melhor dizendo a filosofia afirmou-se em confronto com a poesia e literatura, sem contudo, verdadeiramente, nunca se ter separado delas, mesmo que durante mais de vinte séculos, fossem obrigadas a continuar afastadas. Paul Valery (1871-1945) já depois do primeiro quartel do século XX continuava a identificar a dificuldade da relação:

frequentemente opõe-se a ideia de Poesia à de Pensamento, e sobretudo de 'Pensamento Abstracto' [...] Se se encontra profundidade num poeta, essa profundidade parece ser de natureza completamente diferente da de um filósofo ou de um sábio (Valery, 1996: 53).

Mesmo que, em seu entender a verdadeira filosofia não esteja:

nos objectos da nossa reflexão, e sim mais no próprio acto de pensar e na sua maneira de o fazer. Retirai à metafísica todos os seus termos favoritos ou

<sup>1</sup> Cf. Manso, A. (2016). Da origem da filosofia à filosofia da origem ou porque a filosofia deve retornar a si mesma, em *Ensino da Filosofia em Portugal. Tradição e actualidade da formação*. V. N. Famalicão: Húmus, pp. 11-20 e Manso, A. (2017). Delfim Santos: considerações sobre poesia e pensamento abstracto, em *Delfim Santos Studies*, 4, 2016, 13-22.

particulares, todo o seu vocabulário tradicional e verificareis talvez que em nada empobreceu o pensamento (ib.: 85-86).

Chegados ao fim do século XX, sob o domínio da tecnologia e do digital, afastados da tradição humanista pelo peso da escola que se tornou obrigatória e se especializou no saber fazer, a reflexão centra-se, novamente, no campo dos humanismos que deixaram de ter qualquer interesse e é neste cenário que o pensamento abstracto de pendor filosófico tem vindo a explorar uma via interdisciplinar, tentando voltar ao que realmente era no início. A este respeito, o filósofo alemão Heidegger (1889-1976) que tão bem soube explorar esta aproximação, escreveu:

O dizer projectante é Poesia: a fábula do mundo e da terra, a fábula do espaço de jogo do seu combate e, assim, do lugar de toda a proximidade e afastamento dos deuses. A Poesia é a fábula da desocultação do ente. Cada língua é o acontecimento do dizer, no qual, para um povo, emerge historicamente o seu mundo e se salvaguarda a terra como reserva (Heidegger, 2016: 61).

Como se mostrará, o pensamento português de início de século XX, constituiu-se como pioneiro deste novo modo de pensar, juntando filosofia e poesia na procura do sentido ético, estético, religioso e político, enquanto modos de retornar à unidade existencial para a qual também o discurso mitológico aponta.

É, então, chegado o tempo de repor e aprofundar o dizer poético em que a filosofia se originou e a linguagem em que também se expressou, de que são exemplo, entre outros, Parménides e Empédocles, mas também Platão cujo pensamento é exposto na mais requintada linguagem poética e literária.

André Breton (1896-1966), um dos principais teóricos do surrealismo nos anos vinte do século passado, em texto de 1953, no reconhecimento de que o homem está cada vez menos habilitado para se reconhecer a si e àquilo que o rodeia, lembrava que para alterar essa tendência:

o grande meio de que [o homem] dispõe é a intuição *poética*. Esta, finalmente desenfreada no surrealismo, quer-se não apenas assimiladora de todas as formas conhecidas, mas ousadamente criadora de novas formas – ou seja, em posição de abarcar todas as estruturas do mundo, manifesto ou não. Só ela nos fornece o fio condutor que nos põe no caminho da Gnose, enquanto conhecimento da Realidade supra-sensível, ‘invisivelmente visível num eterno mistério’ (Breton, 2016: 358).

É, então, com naturalidade que o movimento surrealista português pela voz de António Maria Lisboa (1928-1953) segue esta disposição e afirma:

O Pensamento Poético é [...] a arma com que a lógica e a intuição são desmembradas depois de um foco as ter tomado em conjunto, é [...] a Caldeira onde se gera o não-pensamento – a Meditação (Lisboa, 2008: 100).

Não espanta por isso que o escritor existencialista com tanto eco na filosofia ocidental, Albert Camus (1913-1960) tivesse declarado que “os grandes romancistas são romancistas filosóficos”, apontando, entre eles, Sade e Dostoievsky, Malraux e Kafka. E eram tão filósofos que a filosofia passou a integrar as suas obras, pois é importante que ela seja capaz de se dizer, cada vez mais, numa linguagem poética e literária e não em linguagem científica e abstracta. Como refere George Steiner (1929-):

Todos os actos filosóficos, todo o esforço que visa pensar o pensamento, com a possível excepção da lógica formal (matemática) e simbólica, são irremediavelmente linguísticos. Realizam-se, e tornam-se seus reféns, através de um ou de outro movimento do discurso, de uma codificação verbal e gramatical. Oral ou escrita, a proposição filosófica, a formulação e a comunicação do argumento dependem da dinâmica e dos limites executivos do discurso humano (Steiner, 2012: 13).

E por assim ser “Os embates, as cumplicidades, as interpenetrações e amálgamas entre a filosofia e a literatura, entre o poema e o tratado metafísico são uma constante” (Steiner, 2012: 219).

Convém, ainda lembrar a proliferação dos estudos de Umberto Eco (1932-2016) sobre o assunto que muito contribuíram para o renovado interesse na temática filosofia/literatura.

Afinal a realidade diz-se pela linguagem, seja ela qual for. Não há outra maneira de proceder. A filosofia surgiu em confronto com a poesia e a mitologia, mas por ser assim, não impediu que o mito, a poesia e a filosofia tenham sido os grandes temas da reflexão de diversos filósofos, em plena consonância e complementaridade com a atitude racional. A relação de continuidade entre o mito e a filosofia, apesar desta se ter afirmado como um exercício racional, nunca foi quebrada como mostram, entre outros autores, F. M. Cornford (1874-1943) e Jean-Pierre Vernant (1914-2007). Na verdade, o conhecimento filosófico, tal como o conhecimento científico, religioso ou estético têm origem nos mesmos problemas, cabendo à filosofia

aprofundar as questões culturalmente situadas. Contudo, o pensamento racional não é apanágio apenas da filosofia e da ciência, mas de todas as restantes formas de interpretar o mundo em que repousa a cultura. A separação muitas vezes tida como inconciliável entre o objecto dos vários conhecimentos que são apenas maneiras diferenciadas de interpretar o real, tem trazido graves consequências à cultura, criando-se com o ensino e aprendizagem de base positivista e racionalista um fosso enorme entre o Ser e o acontecer, entre o pensamento e a realização prática. Pensar filosoficamente as questões é uma prova radical que deve implicar a totalidade das experiências do ser humano, aquelas que em cada momento e lugar mais o inquietam.

### **A original relação Filosofia-Poesia-Literatura no Pensamento português contemporâneo**

Esta reflexão animou, com originalidade, o pensamento português a partir do início do século XX. Manuel Antunes (1918-1985), a propósito do valor da poesia na educação, refere que, depois de ter tido um papel central na Grécia antiga e Roma, veio, desde a Renascença a ocupar um lugar meramente lúdico e, portanto, na actualidade:

Urge restabelecer o equilíbrio, urge re-interiorizar o homem. Nesse trabalho, está reservado à poesia um papel de relevo (...). E esse papel compete tanto à poesia moderna como à poesia clássica; tanto à poesia *intelectual*, mais fundada no sentido interno, no nexó lógico das palavras e das frases (...) como à poesia *sugestiva*, em que o sentimento vem mais da atmosfera que as mesmas palavras, com as suas inesperadas combinações de som e ritmos, criam, induzem ou evocam (...) como (...) a poesia latina, a poesia alemã e a poesia inglesa, na sua história mais constante, às quais poderia acrescentar-se parte da nossa poesia portuguesa; tanto à poesia exercício do espírito como à poesia expressão do sentimento (Antunes, 2005: 137-138).

A filosofia, tal como a literatura e a poesia, são formas do saber humano que não só se encontram afastadas entre si, como estão desde há muito em declínio quando consideradas em conjunto com a ciência, a técnica e a tecnologia, o que leva este autor a interrogar-se se tal tendência se irá manter ou se, no futuro, outro paradigma de conhecimento acabará por se impor, nomeadamente:

Quando à necessidade de trabalhar para viver se substituir a necessidade de encontrar razões de viver? Será assim quando a urgência do conhecimento organizativo der lugar à premência do conhecimento teórico e contemplativo? Será assim quando, ao primado da actividade pragmática e meramente utilitária suceder o domínio amplo dos lazes? (Antunes, 2005: 53-54).

Ante estas inquietações e portador de um conhecimento invejável suportado na tradição em que se desenvolveu e afirmou o pensamento filosófico ocidental, o seu olhar é de esperança por acreditar que todos os saberes teóricos que a contemporaneidade de uma maneira ou de outra vem desprezando, mais cedo ou mais tarde, hão-de renascer. Neste caso particular:

a Filosofia para, na pegada da religião, poder fornecer razões válidas de viver e criar aquele espaço de contemplação que já na perspectiva dos Gregos definia o homem verdadeiramente livre;

a Literatura e a Poesia para, com as Belas Artes, poder desenvolver a dimensão lúdica e estética do homem, a par da necessidade de, conhecendo os outros, se conhecer a si mesmo, ao duplo nível da percepção e da reflexão (ib.: 54).

A relação entre Filosofia-Poesia-Literatura, em Portugal como no resto do mundo está sempre presente, mesmo que o desejo dos filósofos de escola, isto é, aqueles que nas academias tentam delimitar o método e o objecto do saber filosófico, sejam, na generalidade, avessos a essa confluência. Se houvesse dúvidas sobre esta realidade, bastaria lembrar a problemática em torno da investigação de Fernando Belo nos finais dos anos oitenta do século XX<sup>2</sup>. O seu estudo insere-se na designada Filosofia da Linguagem que como se sabe ganhou estatuto de disciplina filosófica já bem dentro do século XX. Essa situação, contudo, foi insuficiente para este autor sentir a necessidade, de colocar, em epígrafe na página VII da primeira publicação: “Mal com os filósofos por mor da Linguística, mal com os Linguistas por mor da Filosofia”, expressão que demonstra bem o mau ambiente que persistia entre esses saberes e seus representantes desde que se instituiu a filosofia como exercício racional, isto é, a partir de Platão que no X<sup>o</sup> livro da *República*, faz um ataque cerrado à poesia e aos poetas, tendo, ainda, dedicado o diálogo *Íon* a esta problemática. Contudo, convém dizer que tal conflito continuará a ser central em outros autores.

---

<sup>2</sup> Cf. Belo, F. (1991). *Epistemologia do sentido. Entre filosofia e poesia, a questão semântica*. Lisboa: FCG; idem (1994). *Leituras de Aristóteles e de Nietzsche. A poética sobre a verdade e a mentira*. Lisboa: FCG.

Quanto à posição platónica em confronto com Aristóteles, Fernando Belo lembra:

Segundo Platão, a poesia (a literatura dizemos hoje) é uma imitação duma imitação, uma imitação de segunda, além de que exalta a imoralidade e de que mente em seus mitos: deve pois, por razões de ordem pedagógica, ser banida da cidade ideal a que preside o filósofo da verdade”. E acrescenta: “Aristóteles é mais ‘realista’: poucos homens entendem o discurso filosófico, este tem pois que fazer uma aliança político-pedagógica com os ‘bons poetas’, já que estes atingem todo o público da cidade. É ao filósofo que cabe dizer o que é, deve ser um bom poeta (Belo, 1994: 3).

Ou seja, se o desejo de Platão era eliminar, pura e simplesmente, a poesia/literatura do rol do conhecimento racional, Aristóteles na assunção de que tal era impossível pelas relações intrínsecas que ambos os discursos continuavam a partilhar, propunha-se apenas ‘domesticar’ a poesia/literatura pelo trabalho da filosofia. Antecipava, assim, que a poesia/literatura fossem uma espécie de *servas* da filosofia, tal como mais tarde os medievais exigiram ao querer que a filosofia fosse serva da teologia e a verdade é que, como lembrou Hegel na “Idade Média não há filosofia propriamente dita mas teologia filosofante”.

Voltando à realidade portuguesa, Orlando Vitorino (1922-2003) na 11ª tese da filosofia portuguesa (tese não numerada pelo autor), estabelece o seguinte:

Enunciado: A arte é imitação da natureza. A poesia é inovação do Espírito [...] a poesia, bem como o poema e a poética, não se limita à de expressão verbal mas abrange a de todas as expressões sonoras e plásticas” (Vitorino, 2015: 223).

E mais à frente escreve:

enquanto o pensamento filosófico forma do inteligível o conceito, enquanto o pensamento poético forma o símbolo [...]. Ao símbolo, forma-o a poesia em imagem simbólica a qual, como toda a imagem, conserva a figura do sentido e não tem equivalente no conceito porque não apreende mas exprime (ib.: 230-231).

Portanto, segundo este autor ambos os pensamentos são distintos pese embora assentem na intuição do inteligível. Na tradição em que se insere reforça, portanto, que “A poética de Pascoaes é a poética da Filosofia Portuguesa ou, simplesmente, a poética portuguesa ou, ainda mais simplesmente, a poética” (ib.: 233). Asserções estas que o levam a concluir que “se poesia não é filosofia uma aliança todavia existe entre elas. A aliança consiste em evocar uma o espírito que a outra segue, pensamento e movimento (ib.: 241)

Delfim Santos, citando Gaston Berger diz-nos que “Tudo começa com a poesia (fazer), tudo se cumpre com a técnica, e, acrescentamos nós, inclusive a própria poesia” (cf. Santos, 1987e: 510), restando assim poucas dúvidas do valor intrínseco da emoção e da especulação na procura do sentido da existência humana, como também é de assinalar que todos os discursos sobre a realidade, têm em si a própria razão de ser que se reconhece na cooperação e não na exclusão, nas várias maneiras de dizer e não no mimetismo de um discurso monolítico repetido desde há séculos.

Nas origens desta discussão, o filósofo criacionista Leonardo Coimbra (1883-1936) lembrava que era pela poesia que os portugueses deveriam aceder à sua metafísica própria, pois em seu entender “A maior criação intelectual dos portugueses é a poesia” (Coimbra, 2006: 217), linha de reflexão que é assumida pelo poeta-filósofo seu contemporâneo Teixeira de Pascoaes (1877-1952) para quem “A origem da Filosofia está neste dom da inspiração poética, que tem, em nós, a mesma vida dos instintos” (Pascoaes, 1988: 232). Fernando Pessoa (1888-1935) continuou a mesma cogitação e defendeu, na fundamentação da nova poesia nacional que anunciava em Portugal, da qual era um dos mais destacados representantes, que tal atributo se devia ao facto de se apresentar “com ideias pessoais, sentimentos especiais, modos de expressão especiais e distintos de um movimento literário completamente português” (Pessoa, 1986: 1152). Para que não restasse qualquer dúvida sobre o sentido nacionalista da nova poesia, procedeu à distinção entre a:

‘filosofia’ pensamento individual e a ‘filosofia’ sentimento poético. – Tanto a filosofia do filósofo como a do poeta são questões de temperamento, mas ao passo que o temperamento do filósofo é intelectual, o do poeta é emocional [...] é portanto, a filosofia do poeta e não a do filósofo, que representa a alma da raça a que ele pertence (ib.: 1190).

Desta tradição não podemos excluir, naturalmente, um dos seus percursores mais influentes, Antero de Quental (1842-1891) de quem Oliveira Martins (1845-1894) disse ser como poeta um místico e como crítico um filósofo “o misticismo e a metafísica, o sentimento e a razão, a sensibilidade e a vontade, o temperamento e a inteligência, combatem-se, às vezes dilacerando-se” (Martins, 1955: 2). Acrescentando que a sua intuição “é a síntese da verdade racional ou positiva e do sentimento místico: uma poesia que exprima o raciocínio, ou antes uma filosofia

onde caibam todas as suas visões” (Martins, ib.: 3). Para este autor nem Teófilo Braga, nem Guerra Junqueiro estiveram à altura de Antero, quer na especulação filosófica quer na relação desta com a intuição poética. Também José Régio (1901-1969) considera que com a publicação de *A visão dos tempos* e *Odes modernas* (1865) se inicia em Portugal a poesia “de preocupações sociais, científicas, filosóficas” tendo este género, sido continuado por Guerra Junqueiro (1850-1923) e Gomes Leal (1848-1921) (cf. Régio, 1941: 31). Esta via é, ainda, seguida por José Marinho (1904-1975) quando refere que “poucos problemas são entre nós tão ricos de sugestão e significado como o das relações da filosofia e da poesia” (Marinho, 2005: 200). E especifica:

Em Antero coexistem o poeta e o pensador. Coexistem como em nenhum outro português de qualquer tempo. Não porque nele a substância de pensamento implícito na poesia seja mais densa do que em Teixeira de Pascoaes, não porque a sua filosofia por sua vastidão, fundura e densidade se aproxime sequer da de Sampaio Bruno, mas porque no poeta e no pensador sempre fragmentário e parcamente sistemático dos *Sonetos* e das *Tendências*, a vontade poética e a imperativa urgência de compreender e explicar surgiram uma e outra com tamanha intensidade intencional (ib.: 200).

Podemos, portanto, concordar com Amorim de Carvalho (1904-1976), quando, em síntese, acentua que “a poesia portuguesa tem um predominante cunho filosófico, que vem desde Camões [...] até aos nossos dias” (Carvalho, s/d: 13).

A verdade é que quem analisa a relação filosofia/poesia no pensamento português, continua maioritariamente a acentuar, como já atentava José Marinho que “enquanto o pensamento de Leonardo Coimbra é suspeito de insignificante (no sentido etimológico do termo e seus derivados), por demasiado poético, a poesia de Teixeira de Pascoaes é olhada suspeitosamente, por a considerarem demasiado filosófica” (Marinho, 2005: 209).

Marinho realça, ainda, que um poeta sabe que a Poesia tem sempre que ver:

com a ciência enquanto sabedoria [...]. E se se trata de um poeta primacial, chame-se ele Pascoaes, Régio ou Pessoa, então, por mais que ele possa desdenhar de filosofia ou filósofos [...] sempre é certo que participa (e quantas vezes de modo mais directo e constante!) daquela mesma sabedoria que o filósofo, se propõe já não só simbolizar, mas, quanto possível, dizer” (ib.: 202).

O autor da *Teoria do ser e da verdade* é, ainda, da opinião que:

A obra filosófica de Leonardo Coimbra assinala, com a poesia de Teixeira de Pascoaes, um momento solene na vida espiritual portuguesa. Até eles, o que faz o verdadeiro fundo da alma espiritual portuguesa, de si dera alguns grandes sinais, mas implicados em formas culturais estranhas. Com eles e com certo número de poetas e pensadores que imediatamente os precedem ou os acompanham, descerra-se o segredo em condições de melhor ser apreendido (ib.: 289).

Nos equívocos gerados em torno dos dois discursos, o filosófico e o poético-literário, acompanhando a nova orientação dos renascentes, viu bem, portanto, na realidade portuguesa, ainda na primeira metade do século XX, Álvaro Ribeiro (1905-1981), o pensador mais sistemático da sua geração e também da história do pensamento especulativo de matriz portuguesa, ao apontar para a ambiguidade desta perspectiva:

Os híbridos mal designados por ‘filosofia poética’ ou ‘poesia filósofica’ não têm condições de duradoura existência no mais alto plano espiritual, fictícios produtos de dois factores de origens diversas e irreduzíveis, mal resistem depois a um estudo que ultrapasse o método analítico das condições do verbo transfigurador (Ribeiro, 1944: 7).

Falta, portanto, neste texto, perceber o que para si é o pensamento puro nesta matéria, uma vez que logo a seguir acrescenta:

Errada vai a exegese que pretenda atingir a filosofia dos poemas ou a poesia dos filosofemas, julgando reversível a ordem da verdade; diferentes sistemas de categorias determinam os dois tipos de pensamento sem que qualquer deles possa reivindicar qualquer alto grau de universalidade (ib.: 7).

E deste movimento original em torno do estabelecimento de uma nova relação entre a filosofia e a poesia, deixa o exemplo maior de Fernando Pessoa:

Fernando Pessoa era poeta e filósofo, ouvia dentro de si as falas do diálogo eterno. Era também um profeta. Não foi arrancar a realidade portuguesa às trevas do inexistente, com a candeia de historiador ou de passadista: viu-a imediatamente, de olhos erguidos para o céu, à luz brilhante dos mitos (ib.: 13).

Para si era claro que quando a obra total do autor da *Mensagem* pudesse ser lida e estudada na íntegra, então, revelar-se-ia “o momento próprio de determinar os valores autênticos da espiritualidade portuguesa pelo diálogo constante entre a poesia e a filosofia” (ib.: 13). E o tempo, numa parte substancial das suas intuições, veio a dar-lhe razão.

Ainda entre nós, Eduardo Lourenço (1923-) continua a exegese desta particular ligação da via poética que está na base do pensamento abstracto português do século XX. São disso exemplo os diversos textos que constituem o seu volume de 1983, cujo título é *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa*.

### **A particular análise de Delfim Santos**

Neste movimento e quanto a esta temática, convém destacar o filósofo Delfim Santos (1907-1966), cuja obra se encontra impregnada desta preocupação. Quanto à literatura portuguesa, em um pequeno texto sobre Raul Brandão diz-nos:

é uma seara pobre e ressequida onde, de quando em quando, aparecem obras de valor humano, profundo e vital, contrastando grandemente com o aspecto seco e vazio de ideias, que caracteriza a maior parte das obras dos nossos literatos (Santos, 1987a: 331).

Reconhece que há autores portugueses que escrevem bem e dominam a técnica da escrita, mas continua a faltar a quase todos um verdadeiro interesse pela profundidade da condição humana, nomeadamente pelo drama em que parece estar inserida. Destas premissas conclui, então:

que a literatura portuguesa é pobre, muito pobre [...] falta[-lhe] completamente um dos ramos mais vigorosos e fecundos, porventura, até, aquele que permite valorizar, com mais acerto e propriedade, qualquer literatura. Referimo-nos à literatura de análise de descrição da vida interior; do homem de carne, osso e alma e não do fictício e artificial homem de fraque e luvas brancas (ib.: 331).

Mas este desabafo era sobre a literatura e não sobre a poesia, mesmo que reconheça que a falta de assunto existencial percorre as diversas configurações da experiência humana:

Os autênticos problemas, no aspecto metafísico que eles sempre têm, apresentam-se escandalosamente sem relações a premissas referenciais. A sua zona de existência é a região da vida que não tem supostos e a região do pensamento que não tem premissas. A verdadeira questão tem origem no incondicionado e a filosofia compreendê-lo-á tanto melhor quanto mais incondicionada for a região de reflexão donde partir; o contrário deverá ser dito para a ciência, cuja actividade consiste em condicionar preliminarmente as regiões particulares da experiência a que todo o saber se deverá referir univocamente (Santos, 1982: 239-240).

A filosofia, de facto, atende a todas as preocupações que em cada tempo e lugar inquietam o homem e por isso não pode excluir nem a antropologia, nem a gnosiologia, nem a lógica nem a metafísica ou a ontologia, porque o homem é um ser situado e em relação, que propõe diversos modos de interpretar a realidade, tendo como preocupação máxima reflectir sobre a sua situação actual e o destino que lhe poderá caber. De certo modo o homem cria e inventa para fugir à situação de abandono onde foi lançado sem saber a razão. Mas também o faz porque sente necessidade de uma aplicação prática e compreensível para os recortes a que vai procedendo no acumular das suas experiências.

É em *Heidegger e Holderlin ou a essência da poesia* que o filósofo português reflecte mais longamente sobre a atitude poética enquanto forma de pensamento teórico elaborado. A poesia é uma forma de dizer o mundo em que ganha relevo a linguagem metafórica e por isso mantem-se sempre na vizinhança do pensamento especulativo e filosófico. O trabalho filosófico circula em torno do que falta dizer e do que não se dá imediatamente à experiência humana e a “poesia é a língua original dum povo e é, pois, *um* dos aspectos da cultura dum povo [...] o fundamento que suporta a história do povo” (Santos, 1987b: 338).

A justificação do ser não prescinde do discurso poético e a fundamentação filosófica daquilo que existe e da totalidade das explicações da humanidade, ficaria incompleta sem o dizer poético tal como acontece nos nossos dias onde a poesia quase não tem lugar e a filosofia para tentar sobreviver afasta-se das suas origens, tendendo a afirmar-se apenas com um discurso acerca do verdadeiro e do falso, bem como da maior ou menor consistência dos enunciados em que a realidade é dita pelos criadores de teorias e ideias em que as sociedades democráticas assentam os fundamentos dos seus postulados. Esta foi a técnica que a sofística impôs: saber para dominar e obter proveito pessoal, à qual Sócrates contrapôs um discurso filosófico que se dirigisse à totalidade do homem que orienta a sua existência pela justiça, o bem e a verdade. Para readquirir este desiderato, a Filosofia deve inserir-se numa teoria da cultura que terá que ser sempre filosófica e “Pertence a um tipo universal de interrogação de todos os saberes e não apenas de um sector, como acontece ao especialista” (Santos, 1987d: 443-445). À filosofia competirá interrogar:

Como revelar o essencialmente humano ao próprio homem? É esta a missão última de todas as formas de cultura que o homem criou e entre elas, por excelência, a missão da arte, da literatura e da filosofia (Santos, 1987c: 407).

A ciência propõe, descobre o acesso às novas realizações, mas só a técnica as irá realizar e no resgate do humano a filosofia fará o seu caminho:

não é a ciência que fundamenta a técnica, mas a técnica que fundamenta a ciência, na medida em que lhe permite a enunciação de regras de comportamento com mais vasta generalidade. Este progresso condiciona outras formas de revelação e desvendamento da experiência que com a ciência se costumam citar: a filosofia, a arte e a religião (Santos, 1987e: 497).

A forma que o discurso filosófico tem de dizer a realidade, necessita da palavra e é por isso que “Não há filo-sofia sem filo-logia, como também e reciprocamente não há filo-logia sem filo-sofia” (Santos, 1987b: 333), o que possibilita que um discurso poético, ou um verso possa “ter um conteúdo pobre e, todavia, revelar um grande valor poético; um sistema filosófico não vale só pelo seu conteúdo afirmativo, mas muito mais pela ‘forma de pensamento’ que nos oferece” (ib.: 333). A expressão poética é uma forma de pensamento teórico elaborado, tanto mais que a sua razão de ser é a linguagem em que assenta o seu conteúdo. É uma configuração do mundo em que ganha relevo a linguagem metafórica e por isso mantém-se sempre na vizinhança do pensamento especulativo e filosófico. Naturalmente, à reflexão filosófica não serve qualquer tipo de expressão poética, uma vez que “A aparelhagem conceptual do filósofo não pode ser a aparelhagem conceptual de emprego na vida diária. Filosofia é uma eminente actividade de pensamento que, como tal, despreza toda a popularidade e os utensílios de que esta se serve” (ib.: 334).

Delfim Santos, estabelece uma profunda diferença entre uma poesia de sentimentos, digamos assim, egoístas e utilitários, e aquela que se entranha no mais profundo da condição humana e só esta interessa à filosofia pois “O filósofo tem a missão de esclarecimento de aderências obscuras para além do pequeno mundo do homem vulgar. Quando este diz que não entende o filósofo ele nada diz que importe saber” (ib.: 334-5) e portanto se o pensamento especulativo for automaticamente acessível ao homem comum, o seu conteúdo terá de ser tão vago quanto o mundo desse homem. Sabemos que nem sempre é assim, pois não é raro

que indivíduos de aspecto simples e descuidado, se revelem possuidores de um vasto conhecimento.

O filósofo português, continuando a seguir Heidegger na interpretação que o filósofo alemão faz da poesia de Holderlin, destaca a analogia poesia e jogo:

nenhuma actividade revela o homem mais profundamente do que o jogo ou recreio. É aqui que o homem se mostra ou pode mostrar ele mesmo". Sendo assim, naturalmente, todo o trabalho tem de deixar de ser obrigação e alienação e encontrar o "sentido profundo criador quando é recreio ou quando dá ao homem o mesmo equivalente emocional que o recreio lhe dá. Um trabalho que se oponha ao recreio não é verdadeiramente trabalho, é 'criação de fadiga' (ib.: 335).

Da relação entre trabalho e jogo parece resultar a similitude poesia e pensamento, uma vez que Delfim Santos encara a poesia como "um sonho verbal, é um recreio em palavras. E a sua substância é sempre e só o domínio verbal" (ib.: 336). A linguagem, seja qual for a sua manifestação, não antecede nem precede o pensamento, é-lhe conatural, pois como afirma numa expressão feliz:

A presença dos deuses e o aparecimento do mundo, como mundo, não são consequência da linguagem, mas com ela contemporâneos. E é no apelar para os deuses e na tradução verbal do mundo que o diálogo se manifesta e nós verdadeiramente somos. Mas a palavra que faz apelo aos deuses é já resposta e provém da responsabilidade dum destino (ib.: 337).

O que se intuiu, o que se vê, aquilo que se expressa e o que tenta nomear-se tem de se traduzir em linguagem e neste trabalho constante de expressar o quotidiano "o que permanece é erigido pelos poetas. Poesia na sua essência é criação no verbo e pelo verbo" (ib.: 337). A interpretação filosófica e a descrição do mundo que nos proporciona, gira em torno do que falta dizer e do que não se dá de forma imediata à experiência humana e é por isso que a linguagem poética é criadora:

não somente no sentido de livre oferta da essência das coisas às próprias coisas, mas, também e simultaneamente, no sentido da firme fundamentação da presença humana. Esta, no seu mais profundo sentido, é sempre poética – e isto significa que ela é também uma dádiva ou oferta, como dádiva é o essencial que o poeta determina nas coisas (ib.: 338).

Não basta, contudo, encarar a poesia como um jogo e o jogo como recriação poética pois se "A poesia parece uma actividade lúdica [...] há uma diferença a notar entre jogo e poesia: o jogo reúne os homens e de tal modo que cada um se esquece a si

próprio; na poesia, o homem concentra-se no fundamento da sua própria presença” (ib.: 338). O jogo da poesia está embrenhado na complexidade do pensar e liga-se ao mais íntimo da experiência humana porque “é originalmente chamamento dos deuses e este apelar para os deuses é resposta a alguma coisa a que os deuses mesmos nos obrigam a responder. Mas como nos falam os deuses? Por sinais. A missão do poeta consiste em surpreender estes ‘sinais’ e em seguida revelá-los ao seu povo” (ib.: 338). E marcando ainda mais o parentesco entre o discurso filosófico e a linguagem poética, afirma:

A fundamentação do ser está, pois, em relação com os sinais divinos que só o poeta apercebe. A poesia é, também, interpretação da voz do povo, e a sua essência é assim algo intermediário entre os sinais dos deuses e a voz do povo (ib.: 339).

O poeta é assim uma espécie de intermediário entre a voz do povo e os sinais dos deuses. A fundamentação do ser não prescinde do discurso poético e a justificação filosófica das questões que mis interessam à humanidade, ficaria incompleta sem o contributo da poesia, atitude contrária ao que acontece nos nossos dias onde a poesia ocupa um lugar residual e a filosofia para sobreviver renega as suas origens para se afirmar apenas com um discurso acerca do verdadeiro e do falso, bem como da maior ou menor consistência dos enunciados em que a realidade é dita pelos criadores de argumentários em que as sociedades democráticas assentam os fundamentos dos seus postulados, sendo, por isso, as justificações que apresentam precárias, parcelares e incompletas.

Implícito a todos os elementos deste movimento parece estar a ideia de que a verdadeira filosofia de Portugal se revela num pensamento poetante, pois se a razão de ser da filosofia é a procura incessante do mistério da existência, o mesmo só poderá ser entrevisto com o recurso poético que penetra o mais íntimo de cada ser.

É assim evidente que até ao início do século XX havia formas de pensar em português, mas não se possuía uma sustentação para as ideias que se produziam e as teorias que se criavam. A partir dos renascentes e dos novos poetas portugueses surgidos na mesma altura e, no início unidos pelos mesmos ideais, pela clara união da poesia à filosofia, o horizonte especulativo dos portugueses ganhou novos e decisivos contornos, antecipando, ainda, as tendências nesta matéria de cariz mais universal.

### Palavras finais

Não é intenção desta reflexão subjugar qualquer das três representações do real - filosofia-poesia-literatura - a uma espécie de novo saber. Pretende-se, apenas, apontar alguns benefícios em considerar simultaneamente estes discursos naquilo que sempre os uniu. Como conhecimentos independentes, subsistirão sempre, mas chegou a hora de os tornar colaborativos em vez de opositivos, de reforçar o fundo comum e relativizar as barreiras epistemológicas que a racionalidade positivista lhes foi colocando, tanto mais que, como referia Álvaro Ribeiro “O perene diálogo entre a poesia e a filosofia é um dos mais belos capítulos da história da espiritualidade humana” (Ribeiro, 1944: 7).

Parece-me portanto haver três vertentes de análise sobre a relação aqui apresentada no pensamento português contemporâneo: a) a que privilegia o discurso poético e que o analisa nas suas deduções antropológicas e metafísicas, não apresentando uma argumentação reflexiva mas só e apenas indicativa - é a via aqui exposta por Oliveira Martins com diversas intuições que indiciam o que deve ser o pensamento poetante, ou a poesia filosófica, iniciada por Antero nas *Odes modernas*; b) a que analisa esta relação sob o signo da construção poética e literária, seguindo as interpretações com maior ou menor interesse especulativo que esses textos nos oferecem, conseguida já no século XX com a criatividade poético/filosófica de Teixeira de Pascoas, Fernando Pessoa, de outros renascentes e dos filósofos saídos da primeira Faculdade de letras da Universidade do Porto fundada em 1919 por Leonardo Coimbra; c) a vertente essencialmente filosófica, ou seja aquela que considera o conteúdo estritamente filosófico das reflexões apresentadas, que possa ser aceite “escolarmente”, isto é, passível de ser tratada epistemologicamente por possuir as características que são atribuídas ao saber filosófico ocidental, desde a revolução socrático-platónica, situando-se aqui os trabalhos estritamente académicos e aqueles que sendo de crítica e análise, poderiam, se outras fossem as circunstâncias do seu aparecimento ser considerados como tais.

Saúda-se por isso o novo interesse na relação filosofia-poesia-literatura que em Portugal tem ganho, já no século XXI um novo olhar como o demonstra este Colóquio que se sucede a iniciativas anteriores plasmadas em: *Errâncias de um*

*imaginário. Entre o Brasil, Cabo Verde e Portugal* (2015) e *Filosofia e poesia. Congresso Internacional de Língua Portuguesa* (2016). É verdade que mais perto de nós a relação filosofia-literatura-poesia, foi sendo tentada até em meio académico com uma reflexão mais ligada à filosofia enquanto sistema, como se pode ver na obra colectiva intitulada *Discursos cruzados: filosofia, literatura e educação* (2004). Igual esforço reflectem os trabalhos editados pela Fundação Lusíada: *Seminário de literatura e filosofia portuguesa* (2001) e *Imagens de literatura e filosofia* (2006), este da autoria de Pinharanda Gomes, a que se junta, ainda, *Geometria do caos. Encontros sobre filosofia e literatura* (2013). Esta via de aproximação, a partir da singularidade da cultura e língua portuguesa estende-se, agora, a todos os locais, tão diversos entre si, mas que se encontram unidos pela mesma língua.

### **Bibliografia**

- Antunes, M. (2005). "Filosofia, Literatura, História", em *Obra completa*, vol. III, tomo I. Lisboa: F.C.G, pp. 53-54.
- Antunes, M. (2005). Do valor educativo e actual da poesia, em *Obra completa*, tomo III. Lisboa: F.C.G., pp. 132-138.
- Belo, F. (1994). *Leituras de Aristóteles e de Nietzsche. A poética sobre a verdade e a mentira*. Lisboa: FCG.
- Breton, A. (2016). *Manifestos do surrealismo*, trad. Lisboa: Letra Livre.
- Carvalho, A. (S/d). *Deus e o homem na poesia e na filosofia*. Porto: Figueirinhas.
- Coimbra, L (2006). "A poesia e a filosofia moderna em Portugal", em *Obras completas*, III. Lisboa: IN-CM, p. 217.
- Heidegger, M. (2016). *A origem da obra de arte*, trad.. Lisboa: Edições 70.
- Lisboa, A. M. (2008). *Poesia*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Marinho, J. (2005). *Obras de José Marinho, VI. Teixeira de Pascoaes, poeta das origens e da saudade e outros textos* (ed. Jorge C. Rivera). Lisboa: IN-CM.
- Martins, O. (1955). *Literatura e filosofia*. Lisboa: Guimarães.
- Pascoaes, T de (1988). *A saudade e o saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pessoa, F. (1986). "Sobre a poesia portuguesa, em visões de conjunto", em *Obras de Fernando Pessoa*, vol. II. Porto: Lello & Irmão, pp. 1143-1205.
- Régio, J. (1941). *Pequena história da moderna poesia portuguesa*. Lisboa: Inquérito.
- Ribeiro, A. (1944). "Fernando Pessoa, poeta e filósofo", em Pessoa, F. *A nova poesia portuguesa*. Lisboa: Inquérito, pp. 7-13.
- Santos, D. (1982). "Da filosofia", em *Obras completas*, I. Lisboa: FCG, pp. 239-240.
- Santos, D. (1987a). "A propósito da obra de Raul Brandão", em *Obras completas*, III, 2ª ed.. Lisboa: FCG, pp. 331-332.
- Santos, D. (1987b). "Heidegger e Holderlin ou a essência da poesia", em *ibidem*, pp. 333-339.
- Santos, D. (1987c). "Meditação sobre a cultura", em *ibidem*, pp. 395-411.
- Santos, D. (1987d). "Saber e cultura", em *ibidem*, pp. 443-445.
- Santos, D. (1987e). "A técnica, fundamento da cultura", em *ibidem*, pp. 495-510.
- Steiner, G. (2012). *A poesia do pensamento*, trad.. Lisboa: Relógio D'Água.
- Valery, P. (1996). *Discurso sobre a estética. Poesia e pensamento abstracto*, trad.. Lisboa: Vega.
- Vernant, J-P. (2002). *As origens do pensamento grego*, trad.. Rio de Janeiro: Difel.
- Vitorino, O. (2015). *As teses da filosofia portuguesa*. Lisboa: Guimarães.